



Revista
FONTES DOCUMENTAIS

ITINERÁRIOS DOCUMENTAIS DA MEMÓRIA E AS MULTIPLICIDADES DE SENTIDOS NO TRATAMENTO, ORGANIZAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO ACERVO DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

DOCUMENTAL ITINERARIES OF MEMORY AND THE MULTIPLICITIES OF SENSES IN THE TREATMENT, ORGANIZATION AND DISSEMINATION OF THE COLLECTION OF THE ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

DOI: 10.9771/rfd.v7i0.65118

Arivaldo Sacramento

Professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3459-8306> E-mail: arisacramento@gmail.com

Bruna Lessa

Professora do Instituto de Ciência da Informação - Universidade Federal da Bahia (ICI/UFBA). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pela UFBA Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4485-203X> E-mail: lessbruna@gmail.com.

Edilene Dias Matos

Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Comunicação e Semiótica: Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/São Paulo). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9474-5374> E-mail: edilene.matos@ufba.br

Ivana Bittencourt dos Santos Severino

Doutoranda e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bacharel em Arquivologia pela UFBA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0180-5674> E-mail: ivana@casaberta.com.br

RESUMO

Trata-se do estudo da memória da Academia de Letras da Bahia, a partir dos acervos pessoais dos acadêmicos e de periódicos literários em que circularam produções poéticas do Modernismo à baiana, que compõem parte do acervo da Academia de Letras da Bahia. Esses acervos são derivados da trajetória dos produtores e das relações que eles estabeleceram em diferentes esferas de suas vidas, refletindo a diversidade e pluralidade dos sujeitos, atividades literárias, culturais e políticas da sociedade baiana. Busca-se caracterizar o processo de tratamento, organização e disseminação do acervo da Academia de Letras da Bahia, à luz das práticas interdisciplinares que envolvem a Arquivologia, Biblioteconomia e Letras, e o campo da Filologia. De caráter exploratório, com abordagem qualitativa, realizou-se um levantamento documental do acervo dos acadêmicos, que teve como amostra 198 fundos pessoais, depositados no Arquivo Renato Berbet de Castro, e mais de 2000 periódicos na Sala Odorico Tavares, e,

por fim, a Coleção Álvaro Gonçalves Nascimento. Dando continuidade à pesquisa identificaram-se cartas, textos literários, registros de imprensa, fotografias, postais, entre outras fontes documentais, assim como, os periódicos Samba, Arco & Flexa e A Luva, e as obras de estudos Camiliano acerca do romantismo europeu. Ademais iniciou-se a produção de um glossário de tipos documentos e um dicionário biobibliográfico de autorias do acervo, como produtos para disseminação do acervo. O processo para desenvolvimento de produtos de informação, em desenvolvimento, favorece à difusão de seus conteúdos, ampliando possibilidades de ações de pesquisa a fontes primárias, contribuindo não só para as pesquisas sobre a vida e obra de seus titulares, mas para democratização destes saberes.

Palavras-chave: Academia de Letras da Bahia; arquivos pessoais; periódicos literários; literatura baiana.

ABSTRACT

This is a study of the memory of the Academy of Letters of Bahia, based on the personal collections of academics and literary journals in which poetic productions of Modernismo à Bahia circulated, which make up part of the collection of the Academy of Letters of Bahia. These collections are derived from the trajectory of the producers and the relationships they established in different spheres of their lives, reflecting the diversity and plurality of subjects, literary, cultural and political activities of Bahian society. It seeks to characterize the process of treatment, organization and dissemination of personal archives, in the light of interdisciplinary practices involving Archival Science, Librarianship and Letters, and the field of Philology. With an exploratory character, with a qualitative approach, an inventory and survey of the document types found in the collection of the Academy of Letters of Bahia was carried out, which had as a sample 198 personal funds from the Renato Berbet de Castro Archive and more than 2000 periodicals in the Sala Odorico Tavares, and, finally, the Álvaro Gonçalves Nascimento Collection. Continuing the epistolary research and the modernist periodicals found, letters, literary texts, press records, photographs, postcards, among other documentary sources were identified, as well as the periodicals Samba, Arco & Flexa and A Luva, in addition to works by Camiliano studies on European romanticism. In addition, the production of a glossary of document types and a biobibliographic dictionary of the authors of the collection began, as products for the dissemination of the collection. The process for developing information products, which is under development, favors the dissemination of its contents, expanding possibilities for research actions to primary sources, contributing not only to research on the life and work of their holders, but to the democratization of this knowledge.

Keywords: Academy of Letters of Bahia; Personal archives; Literary periodicals; Literature from Bahia.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta as ações do Projeto *Pesquisa documental e histórico-sociológica com foco no acervo de uma instituição acadêmica baiana e em sua produção cultural*, desenvolvido na Academia de Letras da Bahia (ALB), com o foco na organização e disseminação de seu patrimônio cultural. partimos do pressuposto de que o acervo cultural desta instituição, preservados em seu arquivo, em suas bibliotecas e demais espaços de memória, desempenha papel relevante na preservação, transmissão e promoção da literatura, da língua e da cultura da Bahia e do Brasil. cada um desses espaços conta das avenidas da memória pavimentadas pelas letras de intelectuais, artistas, políticos e de professoras e professores que sustentam a dicção da cultura na Bahia e no Brasil.

De fato, nem sempre as narrativas históricas privilegiam a complexidade das vivências culturais – às vezes transmitindo uma versão possível dos fatos –, o acervo torna-se espaço em

que pessoas interessadas em compreender a dinâmica sociocultural na Bahia podem aventurar-se na redescoberta de personalidades que são pilares do cenário de lítero-cultural brasileiro.

Entretanto, o acesso a essa memória em papel nem sempre é possível, pois, de um lado, a falta de uma atualização na política de gestão documental tem impedido um acesso de qualidade, deixando escapar esquinas fundamentais de uma determinada história; de outro, as políticas de promoção da preservação de acervos culturais no Brasil são cadeias montanhosas que ainda não se conseguiu transpor, ainda que se tenha arquivistas, bibliotecárias, filólogos e paleógrafos deste desporto radical. Contudo, no cultivo da esperança, há propostas de projetos – como este que têm possibilitado a execução de ações pontuais.

Concordando com Nora (2012), a memória é preservada e representada por meio de espaços físicos, simbólicos e culturais. o autor argumenta que a memória é uma construção ativa que se desenvolve em torno desses "lugares" que são carregados de significado histórico e cultural, e que se tornam símbolos importantes para a identidade de uma sociedade, permitindo que ela se relacione com seu passado e o compreenda. Conforme enfatiza Ricoeur (2007), deve-se considerar a importância da mediação entre memória e história por meio de processos hermenêuticos, nos quais a narrativa é usada para dar sentido e coesão ao passado. concordando com o autor, a memória não é apenas uma reprodução exata do passado, mas sim uma interpretação que é influenciada pelo tempo, pela narrativa e pela interação entre diferentes perspectivas.

Em face disso, para a ALB, foram pensadas ações de gestão do acervo de modo a reconhecer o que foi feito até hoje e propor novos caminhos que produzam acesso e disseminação da informação. por outras palavras, foi preciso letrar-se no vernáculo do acervo, compreender as variações e idiossincrasias, de modo a produzir uma interação com as materialidades que não desconsidere a lógica interna que foi constituída.

2 A COLEÇÃO ÁLVARO GONÇALVES NASCIMENTO: DO ACESSO À PRODUÇÃO DE FONTES DE INFORMAÇÃO

Ações mobilizadoras de tratamento e salvaguarda de acervos histórico-culturais estão diretamente relacionadas às práticas bibliotecárias, as quais incluem, prioritariamente, a organização e tratamento da informação para seu acesso e uso. No contexto da Ciência da Informação, por exemplo, o trabalho desenvolvido em acervos com tais características, podem ser analisados sob uma estrutura sistêmica, possibilitando a organização temática e descritiva dos documentos a partir de seus produtores e do seu contexto de produção, caracterizando seu valor histórico e social com foco na memória coletiva na participação de cada membro na acumulação e produção de documentos.

Os acervos da Biblioteca Jorge Calmon, da Academia de Letras da Bahia (ALB) e suas coleções, constituem-se como patrimônio histórico-cultural da Bahia e do Brasil por reunir obras raras e valiosas para a literatura nacional, além de caracterizar a geração de acadêmicos baianos e o espaço vivo da estrutura orgânico-funcional de suas vidas. Entre as distintas coleções, a Biblioteca Jorge Calmon, especializada em literatura baiana e brasileira nos mais diversos estilos literários, tais como, romance, ensaios, ficção e correspondências. Abriga cerca de 30 mil obras, que contemplam diferentes áreas do conhecimento, por exemplo, filosofia, história, antropologia, sociologia, geografia e biografias.

A Coleção Álvaro Gonçalves Nascimento, reúne a biblioteca particular de Álvaro Nascimento, jurista e bibliófilo, a quem foi concedido o título de Membro Benemérito da Academia de Letras da Bahia *post mortem*, concedido pelo acadêmico e presidente na época da ALB, Cláudio Veiga. A biblioteca foi doada por sua filha Lêda Nascimento Pedreira, e inaugurada em 19 de junho de 1987, na sede da Academia de Letras da Bahia, o Solar Góes Calmon. Na ocasião, o discurso realizado por Luiz Viana Filho, membro da cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, e à época senador pela Bahia, referiu-se a com zelo ao saudoso amigo Álvaro como

sábio e exigente colecionador de livros, sobretudo daqueles mais prestantes para as questões filológicas e arte literária. Aos poucos, ele chegara pormenores, complemento do amor aos livros. Especialmente de Camilo reuniu ele coleção de primeiras edições que acredito não ter paralelo na Bahia (Academia de Letras da Bahia, 1987, p.8).

Com 2.072 obras, distribuídas em 17 estantes, inclui títulos nas áreas da Filologia, Política, História e Ciências Sociais e suas especificidades, e possui como temática principal, a área de Literatura, além de evidenciar uma rica fonte de informação para os estudos Camilianos. Além disso, é possível verificar entre as estantes sua devoção por Rui Barbosa, ao encadernar em couro as Obras Completas. São 130 volumes, dentre estas obras raras e valiosas, a exemplo da dedicatória de Rui Barbosa ao seu parente, Augusto Vianna, em um dos exemplares, uma marca de proveniência também traçada como fonte de informação da narrativa histórica e suas relações sociais.

Como parte da ação realizada, com obras e coleções em primeira edição, o inventário realizado revelou o perfil literário de seu donatário, colecionador de livros raros e preciosos, um bibliófilo. O Acervo conta, ainda, com livros sobre discursos literários, Obras Completas de Rui Barbosa, e dentro desta, discursos da Conferência de Haia (1907-1909), sermões de Anchieta, por Antonio Vieira, revistas sobre estudos da língua portuguesa, e dentre outras obras raras, tal como o estudo etnolinguístico em "O Tupi na Geografia Nacional", de Teodoro Sampaio. Grande admirador de Humberto de Campos, a biblioteca particular de Álvaro Nascimento, conta com

mais de 40 obras do jornalista, crítico, contista e memorialista, terceiro ocupante da Cadeira 20, da Academia Brasileira de Letras.

Neste processo de descoberta arqueológica, visando a organização e disseminação de tão rico acervo, desenvolveu-se em duas etapas:

1. Organização temática e descritiva da Coleção;
2. Produto informacional e de disseminação da Coleção.

A equipe, formada com estudantes dos cursos de Biblioteconomia e Documentação, e Bacharelado em Humanidades, da Universidade Federal da Bahia, além do apoio técnico dos servidores da ALB, com formação em Biblioteconomia e História, iniciaram-se as atividades de inventário, análise temática, categorização da coleção. O trabalho desta primeira etapa incluiu:

- a) controle das estantes e códigos atribuídos, anteriormente, para organização das obras;
- b) identificação e checagem de obras duplicadas em períodos distintos;
- c) coleta de autorias, títulos, editoras, locais de publicação, ano de publicação, e temáticas das obras.

Foram inventariadas 1.360 obras, identificando-se nesta coleta mais de 50 autorias. Viu-se também neste diagnóstico, que 276 obras desta Coleção têm como autoria Camillo Castelo Branco, um dos maiores escritores portugueses do século XIX. Suas novelas passionais fazem do escritor o representante típico do Ultra Romantismo em Portugal. Produziu poesia, teatro, historiografia, contos, romances e novelas históricas de aventuras e passionais.

Concomitante a este trabalho, seguiu-se ao desenvolvimento do tratamento temático e descritivo da coleção. A partir do inventário, análise temática, categorização da coleção, fez-se a normalização de toda a bibliografia inventariada, conforme a norma da ABNT6023/2022, e início da classificação das obras, utilizando o Sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD), e sua descrição, conforme a AACR2. Para completa disponibilização no *Personal Home Library* (PHL), fez a indexação dos assuntos, elaborou-se uma Política de Classificação e Catalogação, a fim de definir diretrizes e padrões para a programação de códigos, etiquetas e sequência aos itens do acervo, permitindo que os usuários encontrem eficientemente os materiais desejados.

Seguindo-se a segunda etapa “Produto informacional e de disseminação da Coleção”, tem-se a disponibilização de títulos da coleção para acesso e consulta pelo PHL, que compõem o Catálogo do Acervo Álvaro Gonçalves Nascimento.

Em função da riquíssima biblioteca particular de Álvaro Nascimento, onde se pode revelar sua trajetória intelectual e profissional, assim como suas contribuições para o campo do direito, contextualizar sua produção intelectual em relação ao cenário jurídico e social da Bahia e do Brasil, e traçar conexões entre suas ideias e os eventos históricos que ocorreram durante sua vida e carreira, compreendendo melhor sua influência e legado. Neste contexto exploratório para além

do viés técnico da representação da informação do acervo, viu-se a necessidade de elaborar uma fonte de informação que conferisse amplitude aos textos e autorias presentes nesta Coleção.

Foi, então, pensado, a partir das mais de 50 autorias, uma fonte secundária que possibilitasse, não somente o acesso às obras, mas que potencializasse descobertas. Em elaboração, o Dicionário Biobibliográfico da Coleção Álvaro Nascimento, da Biblioteca da Academia de Letras. É uma obra de referência que apresenta informações específicas sobre as autorias do Acervo, que combina elementos biográficos e contribuições acadêmicas, que abrangem a vida pessoal e profissional, com informações bibliográficas presentes nesta Coleção. Assim, este produto, ainda em desenvolvimento, visa fornecer um retrato abrangente e contextualizado dos laços literários na biblioteca particular de Álvaro Nascimento, doada à ALB, destacando a rede de influências acadêmicas e literárias. Trata-se, ainda, de um instrumento para pesquisadores, estudantes e entusiastas interessados em explorar a vida e o trabalho de personalidades que moldaram a história em diferentes campos de estudo.

3 ACERVO DOCUMENTAL DOS ACADÊMICOS

Atualmente organizado por 40 cadeiras, contendo cada uma delas um patrono e, em seguida, membros titulares, cronologicamente ordenados, pode-se observar vasta documentação com tipos documentais de natureza plural. Tal diversidade constituiu-se a partir de doações de acadêmicos e familiares, sempre na tentativa de construção de um lugar de memória da atuação intelectual e artística dos membros da ALB e do papel desta Instituição nas sendas da cultura baiana. Afinal, é dessa agência social que se produzem espaços semânticos e políticos que nos afetam como sociedade. O corpo de membros chamados "imortais" agrega escritores, poetas, jornalistas e intelectuais notáveis que são eleitos para fazer parte da instituição. Esses membros contribuem com a preservação do patrimônio literário e com a formação e o fortalecimento da identidade cultural baiana, a partir de suas obras e das atividades profissionais e culturais que desenvolvem, e que, em alguma medida, se encontram materializadas em seus arquivos pessoais, depositados no arquivo Renato Berbert de Castro.

O acadêmico Renato Berbert de Castro foi eleito para ocupar a cadeira 24¹ em 05 de setembro de 1979, e esteve à frente, desde o início da década de 1990, das atividades de organização da memória institucional, sendo o primeiro diretor do arquivo da ALB². Trata-se de um arquivo de natureza privada, porém de interesse público pelo conteúdo que produz e acumula,

¹ Renato Berbert de Castro foi o 3º titular, sucedendo Luís Menezes Monteiro da Costa (Luís Monteiro). Atualmente, a cadeira 24 é ocupada por Francisco Soares Senna, 4º titular.

² Atualmente têm como diretora Edilene Dias Matos, que ocupa a cadeira 13 como 7ª titular, sucedendo Myriam de Castro Lima Fraga (Myriam Fraga).

incluindo papéis de natureza administrativa de caráter permanente, manuscritos originais, correspondências, documentos pessoais, fotografias, livros autografados, prêmios e outras peças relacionadas à vida e obra dos acadêmicos, foco da nossa pesquisa.

Os arquivos pessoais dos acadêmicos são mais do que simples coleções de documentos, são registros únicos das experiências, pensamentos e interações desses sujeitos ao longo de sua trajetória. Estão entrelaçados com contextos históricos, culturais e sociais mais amplos, fornecendo pistas sobre a vida cotidiana, as relações pessoais, profissionais e políticas vivenciadas em determinado tempo e espaço. Concordando com Cook (1998), estes arquivos pessoais, quando analisados em conjunto, oferecem uma visão plural das várias dimensões da sociedade e das mudanças ao longo do tempo. Ao organizar e viabilizar o acesso a esses registros, possibilitamos a contextualização de narrativas, numa visão mais inclusiva e equitativa da história.

Tendo como ponto de partida o entendimento acima, iniciamos com reconhecimento do acervo, considerando o volume de documentos custodiados, os gêneros e tipos documentais, o estado de conservação e o tratamento documental já recebido (classificação), o acondicionamento e armazenamento, assim como, as políticas de aquisição, uso e acesso ao arquivo pessoal dos acadêmicos custodiados pela ALB. A ação proposta gerou alguns resultados, assim como, novas ações, apresentadas a seguir.

O levantamento do acervo documental dos acadêmicos foi a primeira ação imersiva no arquivo da ALB, com o objetivo principal de identificar quantos arquivos pessoais estão depositados na instituição, qual o volume de documentos, quais tipos documentais mais recorrentes, qual estado de conservação e como foram classificados. Ao todo contabilizamos 198 fundos³, acondicionados em aproximadamente 600 pastas suspensas, armazenadas em seis armários de ferro com quatro gavetas cada, totalizando um pouco mais de 21 mil documentos textuais e 2.340 fotografias. Os tipos documentais mais recorrentes são correspondências, prevalecendo os oficiais, referentes aos cargos ocupados pelos titulares; roteiros e rascunhos de trabalhos literários; biografias, currículos e depoimentos pessoais; e notas de jornais. Averiguamos que os arquivos pessoais receberam tratamento documental, estando higienizados e classificados. A classificação considerou cinco séries documentais: correspondências, recortes de jornais, fotografias, documentos pessoais e documentos de trabalho (roteiros, textos etc.). Identificamos que essa classificação não responde satisfatoriamente a todos os fundos e, portanto, está sendo proposta uma nova classificação, ainda em discussão. Identificamos, ainda, documentos que precisam ser restaurados.

Simultaneamente ao trabalho de levantamento documental foi realizado o estudo

³ Até o momento a ALB apresenta um quadro social com 240 “imortais”, contabilizando os atuais titulares. Desse modo, é possível verificar que nem todos os acadêmicos possuem seu arquivo pessoal depositado na ALB.

biográfico dos acadêmicos. O estudo biográfico desempenha um papel fundamental na organização de um arquivo pessoal, pois proporciona uma estrutura significativa e contextual para os documentos e materiais contidos no acervo. Ao compreender a vida, as realizações, os relacionamentos e as influências do indivíduo cujo arquivo está sendo organizado, é possível criar uma abordagem de organização mais eficaz e coerente. O estudo biográfico ajuda a entender as épocas em que o indivíduo viveu, as mudanças sociais e políticas que ocorreram e como esses fatores podem ter influenciado suas ações e decisões. É possível também identificar as pessoas que tiveram influência na vida do indivíduo, tanto pessoal quanto profissionalmente. O estudo biográfico auxilia no agrupamento dos documentos e definições das séries.

Outra ação empreendida durante a imersão no acervo foi a elaboração de um glossário. O objetivo de criar um glossário é estabelecer um conjunto de definições claras e padronizadas para os termos e conceitos relevantes que estão presentes nos documentos e materiais do acervo. O glossário tem como finalidade promover a compreensão mútua, garantir a consistência na terminologia usada e facilitar a comunicação eficaz entre os envolvidos na gestão e pesquisa dos arquivos. Ao esclarecermos o significado preciso de termos específicos, evitamos ambiguidades e interpretações errôneas. Isso é especialmente importante em contextos de arquivamento como o da ALB, em que a terminologia pode variar e onde termos técnicos podem ser usados, considerando a multiplicidade de fundos e áreas de atuação de cada titular. Ao estabelecer definições padronizadas promovemos a uniformidade na linguagem usada nos documentos e materiais, facilitando a criação e manutenção de sistemas de classificação e indexação, principalmente para as buscas em ambiente digital. A comunicação eficaz e a manutenção do valor informativo dos arquivos, ao longo do tempo, pode ser garantido com a elaboração do glossário. No término do trabalho de levantamento documental já tínhamos 160 termos descritos no glossário, ainda em processo de edição.

Na compreensão de que o arquivo pessoal de cada acadêmico é composto de documentos arquivísticos, bibliográficos e museológicos, mesmo que armazenados em ambientes distintos e recebendo tratamento técnico diferenciado, iniciamos também, nessa etapa do projeto, o levantamento do acervo bibliográfico dos acadêmicos preservados na sala Odorico Tavares. A partir da versão elaborada por Bruno Lopes do Rosário, historiador e funcionário da ALB, iniciamos a atualização do inventário, identificando, por acadêmico, o número de obras depositadas na ALB e o estado de conservação. Nesse processo foi possível identificar obras importantes, a exemplo da História do Brasil 1500 – 1627, de Frei Vicente do Salvador, patrono da cadeira 1 da ALB. Considerado o primeiro livro sobre a história do Brasil escrita por um brasileiro, datada do início do século XVII, publicada somente no fim do século XIX. Na obra

encontram-se expostos acontecimentos relativos à formação do Brasil desde a descoberta, em 1500, até o governo de Diogo Luís de Oliveira, em 1627.

A presença de diferentes marcas de proveniência, como marcas de uso, de posse, de propriedade e de manufatura nas obras dos acadêmicos foi outro fator relevante para a pesquisa. Essas marcas ou indícios contribuem com os estudos sobre as pessoas e/ou instituições, ajudam a identificar antigos proprietários e leitores, e nos apresentam diferentes contextos e diferentes usos atribuídos ao livro impresso. No acervo em questão, identificamos dedicatórias, assinaturas, carimbos de bibliotecas, anotações de estudo, assim como, outras evidências internas inseridas na obra, tais como marcadores de página, papéis avulsos, bilhetes, notas fiscais, recortes de revista/jornal, selos, cartas etc. Na primeira etapa do projeto inventariamos 891 obras⁴ pertencentes ao acervo dos 73 acadêmicos ocupantes das cadeiras de 01 a 13 da ALB.

Outras ações já foram iniciadas, como o estudo de um novo quadro de arranjo para o acervo dos acadêmicos levando em consideração os tipos documentais identificados no levantamento inicial. Também, a definição de políticas de aquisição e acesso ao acervo, de modo presencial e virtual. Para tanto, iniciamos o estudo da plataforma de preservação digital – a princípio o Tainacan⁵ – e plano de digitalização de todo o acervo.

4 MODERNISMO BAIANO E A HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA BRASILEIRA: SAMBA, ARCO & FLEXA E A LUVA

O discurso estético oficial do Modernismo Brasileiro teve os auspícios da elite letrada e artística do Sudeste, sobretudo de São Paulo, celeiro em que se reuniam personalidades que tinham uma missão: forjar a identidade nacional com os elementos que constituíam a – só agora reconhecida – complexa estampa da nacionalidade: sob a primazia dos brancos, negros e indígenas tematizando o tecido brasileiro. As pesquisas acerca do folclore nacional, chave para a incorporação mitológica e exotizante das culturas não-brancas, preencheram, em galões de tinta, páginas, telas e espaços de cultura que traziam, à europeia, o novo conceito de arte e civilização.

Ainda que a estrutura discursiva permanecesse eloquentemente sob o regime de grupos de interesses das elites (neo)coloniais, o *ethos* inovador exerceu um reconhecimento dos papéis sociais de um país miscigenado e que, ao contrário do que diziam as teorias eugênicas do nosso oitocentismo, estaria composto de uma riqueza cultural inexplorada. É com esta licença que explode pelos salões de arte e cultura do Ocidente, a arte brasileira – não sem o olhar exotizante –, de autoria branca ou mediada exclusivamente por ela.

⁴ Muitas obras possuem mais de um exemplar, portanto já foram inventariados 1.599 exemplares.

⁵ *Software* livre, flexível e potente para criação de repositórios de acervos digitais em *WordPress*

[Revista Fontes Documentais. Aracaju. v. 07, Ed. esp. XII Seminário Hispano-Brasileiro, e72246, 2024 – ISSN 2595-9778](#)

Sobre isso, é fundamental a leitura de Guerreiro Ramos, de 1956, sobre o intelectual e autor do livro que, talvez, melhor represente a mudança de estatuto cultural do negro e do indígena no nacionalismo brasileiro: *Casa Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. Ele diz:

Carecendo de uma compreensão globalista e dinâmica do processo histórico-social, o sr. Gilberto Freyre vê a sociedade brasileira em termos estáticos e nela procura "constantes [...] de cultura, de caráter e ação". É como um esteta que ele ressalta a presença do negro no Brasil. Para ele, o negro é um tema curioso com material etnográfico. Não é sujeito: é objeto. Não é seu pátrio: é algo exótico (um biógrafo do sr. Gilberto Freyre disse que este "se sente espanhol" e sublinha que faz questão do y de seu sobrenome Freyre). Essa atitude estética diante do negro brasileiro levou o autor destas linhas à elaboração de um estudo, "Patologia social do 'brancobrasileiro'", em que mostra o caráter clínico e alienado da obra de Gilberto Freyre e de seus imitadores (Ramos, 2023, p. 269).

Essa percepção de Ramos sobre Freyre ajuda a redimensionar questões fundamentais: se, por um lado, uma nova compreensão sobre a cultura negra passou a marcar a dicção dos artistas modernos; por outro, não houve a promoção do "sujeito" negro na sociedade brasileira, ainda que tenha havido, aqui e ali, autorias e artistas negros de destaque nacional, muito poucos figuraram com algum destaque. Embora tenham produzido e participado, de modo periférico, de todo esse movimento, suas contribuições não constam dos manuais de história e as respectivas produções, quando preservadas em espaços de memória, permanecem em profundo silenciamento.

Contra tal sonegação e pensando no direito à memória de pessoas negras e indígenas, e numa rearticulação do papel político de pessoas brancas, é necessário pensar a dimensão política do arquivo, em seu papel de espaço de disputa de narrativas em torno da memória. Uma dessas vertentes tem sido aquela que buscamos traçar acerca de outros discursos do Modernismo no Brasil, que não aquele centralizado exclusivamente na elite intelectual, e econômica, paulista.

É preciso reiterar o fato de que não se trata de construir outro discurso de privilégio ruidoso de uma região sobre outra, mas de dar a ver uma cena artística importante, com contradições e problemáticas que refletem o complexo ambiente na primeira metade do século XX: o movimento modernista baiano. Particularmente sobre esse aspecto, a Academia de Letras da Bahia (ALB), como instituição que participou como protagonista naquele cenário, terá grande importância para o entendimento desse período literário. Aliás, ainda hoje, a partir de seu Acervo Documental, já mencionado anteriormente, podemos observar como a ALB constitui-se como um repositório de periódicos literários, de documentação particular de escritoras e escritores de variada lavra.

Do ponto de vista estético, o modernismo na Bahia, na comparação do que se desenvolveu no resto do país, é considerado por muitos intelectuais como um movimento conservador, tradicional, que estava apegado a formas fixas e à preceptística parnasiana e/ou simbolista, com temas, inclusive, considerados ultrapassados. É essa a leitura de um A. Risério, em seu livro que tenta postular a geração de que foi testemunha ocular das movimentações culturais, , ainda que ao

final do período, na Bahia das décadas de 1940-1960. Ao contextualizar tal período ele argumenta que a Bahia viveu um período de grande transformação cultural, chegando a afirmar que o estado tinha, em relação ao Brasil, um ecossistema cultural de intensa relevância. Nas palavras entusiasmadas do autor, lemos:

Escritos críticos acerca de música popular ou erudita, de dança, de cinema ou de teatro curiosamente, **a criação literária ficou de fora do processo, ancorada em algum remanso paroquial (à exceção da tentativa concretista de Clarival Valladares)... e a Bahia continuou exportando Jorge Amado, cuja performance vinha de antes" - estão sempre a mencionar aquela conjuntura de efervescência renovadora. E nem poderia ser de outra forma.** A Bahia não apenas quis ser um centro cultural forte e inovador naquela época. Ela foi. [...] E a observação permanece válida para outros ramos da produção cultural erudita, **deixando-se de parte, repito, a literatura, onde o tradicionalismo baiano, especialmente no campo da poesia escrita, parecia imbatível, resistindo às formulações do movimento concretista como antes praticamente ignorara o rebuliço modernista.** Mas, literatura ao largo, a febre foi geral [...] (Risério, 1995, p. 14, grifo nosso)

O que dá base e sustento a esse tipo de argumentação é que o sistema de valor utilizado por A. Risério para pensar os signos do moderno são os valores do sistema cultural paulistano, atravessado pelo episódio da Semana de 1922 e pelos desdobramentos estéticos-literários da poesia concretista, mais adiante. Signos da modernidade, urbanização e um atavismo dependente da nova onda estética do modernismo europeu instruíram uma espécie de colonialidade de saber. Não que os desdobramentos do modernismo na Bahia também não estivessem mediados pelo sistema de valor europeu, mas a rasura estética prometida pelas confissões estéticas de 1922 e posteriores reivindicavam para si uma espécie de autoria e protagonismo no campo das artes, o que, infelizmente, é difícil de visualizar, dada a relação de forte influência do pacto artístico colonial paulistano: metrópole-colônia, Europa-São Paulo.

Mas o autor acima não diz isso sozinho, no mesmo texto em nota, citando João Carlos Teixeira Gomes em *Presença do Modernismo na Bahia* (1979):

[...] Teixeira Gomes aponta dois tipos de causas que explicariam, no seu entender, o atraso literário da Bahia, em relação às rupturas estéticas promovidas pelo modernismo de 22 e pelo movimento internacional de poesia concreta, nucleado no grupo noigandres causas económico-sociais e causas culturais. O modernismo (assim como, mais tarde, o concretismo podemos acrescentar) não teria nascido por acaso em território paulista **"É que São Paulo já era a mais trepidante metrópole brasileira, aquela cujo ritmo de vida – estimulado por um crescimento industrial sem precedentes em sua história e pela consolidação da sua economia agrícola – mais sensível se tornara às novas correntes estéticas que grassavam na Europa desde a primeira década do século" argumenta o poeta-historiador.** A Cidade da Bahia, ao contrário, era ainda quase que um burgo colonial. Por outro lado, no plano propriamente cultural, a elite letrada baiana era a encarnação mais caricata possível do beletismo ornamental, da literatura de estufa, resistente a qualquer milimétrico sinal de subversão no mundo das letras. **"Predominava na capital baiana o marasmo, o espírito estático do academicismo, que se comprazia em cultivar a literatura como um luxo do espírito (não por acaso fora um baiano quem definira a literatura como o sorriso da sociedade) ou como simples divagação lírica ou boemia, no encontro ameno dos literatos aconchegados nos cafés que faziam a reputação da inteligência. [...]"** (Risério, 1995, p. 27, grifo nosso).

Teixeira Gomes e Risério, desse modo, estão discutindo as tensões entre as elites letradas

na Bahia e o grau de atenção dado por cada uma delas às inovações estéticas consideradas avançadas na Europa. Muito embora estejam certos em refletir sobre o elitismo no modernismo, deixam de pensar essa dimensão em São Paulo e, ao mesmo tempo, se esquecem dos atravessamentos que compõem a diversidade de modos de pertencer à elite letrada na Bahia. É, pois, diferente o pertencimento de um Edison Carneiro e um Arthur de Salles, homens negros cujas vidas estão atravessadas pelas intempéries do racismo brasileiro, e de outros membros que frequentam os salões de cafés e cultura na Bahia. Portanto, é preciso pensar que nem todos os sujeitos viviam o modernismo da mesma maneira, mesmo em São Paulo, a experiência de Mário de Andrade, professor de piano, e de Oswald de Andrade também possui diferenças fundamentais e não apenas pelas questões raciais, se é que se pode dizer “apenas”.

É nesse sentido que a pesquisa documental nos acervos da ALB pode trazer à tona a dinâmica existente no cenário não só porque são possíveis os acessos aos acervos pessoais de escritores, mas também porque há o acervo de periódicos que preservou publicações que, driblando as fronteiras do mercado editorial, colocou em circulação nomes que não pertenciam aos grupos hegemônicos que podiam pertencer ao cânone. Tais estratégias funcionavam a partir de agremiações literárias, redes apoiadas em Academias, como a de Letras na Bahia, e a partir de outras articulações como apoios privados e públicos de instituições interessadas numa espécie de mecenato. Ainda que a maior parte dos autores que publicaram naquele cenário pertencessem a uma elite letrada e, muitas vezes, econômica, isso não servia de garantia para um pertencimento imediato, pois estavam atravessados pela imagem do atraso “paroquial”, como disse Risério, da Bahia e do Nordeste brasileiro.

Desse modo, só uma proposta que busque perseguir um itinerário documental que demonstre a complexidade do movimento modernista na Bahia, com feições de um “tradicionalismo dinâmico”, como define Cid Seixas, ao retomar uma reflexão junto ao Acadêmico e poeta Hélio Simões, pode livrar a história literária do modernismo na Bahia do marasmo com que a crítica literária se impregnou.

Por isso, partimos para os acervos de periódicos e para o acervo documental para rastrear revistas e documentos que tragam à baila nomes e obras que circularam muito timidamente por causa das disputas de visão de mundo e de arte no Brasil, muitas vezes também, por problemas econômicos ou, ainda, pela perigosa etiqueta redutora do regionalismo.

Imbuídos de tal tarefa, a equipe composta por Naiara Santana, Ian Caliel e Ravi Campos, sob a orientação dos professores autores deste texto, conseguiram localizar três periódicos considerados fundamentais nesse processo inicial de Pesquisa: a revista *A Luva, Arco & Flexa* e *Samba*. A de maior longevidade foi a primeira. Sobre isso Ian Caliel Oliveira e Ravi Campos afirmam:

A *Luva* teve sua primeira publicação em 15 de Março de 1925 e se destaca por ser publicada como uma revista de diversidades, apesar de apresentar uma certa centralidade quanto às publicações literárias. Foram oito anos de publicações quinzenais, totalizando 132 números, permanecendo na história como a revista de orientação modernista com maior tempo de circulação, o que sugere uma grande importância na época e contrasta com o desconhecimento observado hoje quanto à existência do periódico (Oliveira; Campos, 2024, [sem paginação]).

A outra revista de maior prestígio que ganhou também visibilidade, sobretudo a partir dos esforços de Carlos Chiacchio é a *Arco & Flexa*, que, conforme Naiara Santana:

Denominada como *Arco & Flexa: Mensário de Cultura Moderna*, foram publicados 5 números desta revista entre os anos de 1928 e 1929, sendo estes divididos em três volumes: o volume 1 corresponde ao número 1, publicado em Novembro de 1928; o volume 2 é referente aos números 2 e 3, datado do período entre Dezembro de 1928 e Janeiro de 1929; e no volume 3 constam as revistas 4 e 5, sendo mencionado apenas o ano de publicação, 1929 (Alves, 1978) (Santana, 2023, [sem paginação]).

A revista *Samba* é fruto também de uma articulação cultural de um grupo de jovens escritores que, em tensão com a Academia Brasileira, buscavam um espaço para manifestar artisticamente sua produção dissidente. Era uma anti-academia. Em importante nota do texto *Modernismo e diversidade: impasses e confrontos de uma vertente regional*, Cid Seixas (2004, p. 50) nos diz:

Samba, revista surgida na Bahia em novembro de 1928, reunindo jovens escritores hoje conhecidos como os “poetas da Baixinha”, designação difundida por Nonato Marques, pelo fato dos seus integrantes se reunirem num café da Baixa dos Sapateiros. Ao contrário de *Arco & Flexa*, que era composta pela chamada elite social e intelectual de Salvador, o grupo da Baixinha incluía pessoas simples como o Guarda Civil 85 e o alfaiate Bráulio de Abreu, na última década do século XX, reconhecido como o decano da poesia baiana. Em fevereiro de 1993 algumas comemorações marcaram os cem anos de vida do poeta. Sobre o Grupo da Baixinha, a revista *Samba* e algumas publicações da época, o livro de Nonato Marques *A poesia era uma festa* é um dos documentos mais importantes deixados por um participante do grupo.

No momento atual, precisamos levantar todas os textos produzidos em tais periódicos para compreendermos a diversidade estética e o compromisso político desses discursos literários na expressão de seus discursos de modernidade. Só de compreender a diversidade de sujeitos oriundos de diferentes classes sociais e raças, com projetos de arte e cultura diversos e experiências literárias completamente desiguais, não podemos falar, tal como Risério e Teixeira Gomes, de um modernismo elitista ou de um modernismo apenas na Bahia. Trata-se de uma generalização que a pesquisa documental facilmente põe em contestação. A rigor, nem é sobre certo ou errado, mas sobre um robusto desconhecimento do projeto estético modernista baiano para além do grupo que ficou

majoritariamente conhecido, mas talvez seja pela paleta de valores utilizados para ler a história da literatura baiana.

Nesse sentido, produziremos 3 antologias poéticas levantando as produções textuais presentes nos periódicos mencionados de modo a fazer circular os projetos literários de autores que não tiveram a escuta do grande público, sequer regionalmente, quanto mais para figurar num universo de disputa de sentido com a hegemonia paulista. Além disso, em parceria com Bruna Lessa e Ivana Bittencourt, estamos mobilizando a hemeroteca digital da ALB que possibilita maior difusão da informação, a partir de uma mediação crítica da pesquisa em arquivos pessoais da literatura baiana, sobre a historiografia literária brasileira e sobre a gestão dos acervos de periódicos que contam as estratégias de enunciação dissidente das artes modernistas baianas.

Por fim, vale salientar que o fato de a historiografia literária nacional privilegiar a narrativa paulistana como padrão e ler todas as diferentes produções fora desse eixo como “literatura regional”, isto é, como a diferença do discurso oficial, tem impactos profundos na educação e no letramento literário nas escolas da Bahia. Sem referências e sem considerar a contribuição baiana para pensar o Brasil pelas artes, tendemos a nos convencer de que somos destituídos de tradição literária, artística e cultural. Assim, pensar na difusão desses textos a partir de antologias que demonstrem a diversidade modernista na Bahia é um gesto político em que recobramos fôlego para construção de uma educação emancipadora e com acesso, sem os riscos de uma narrativa massificada que nos furta o direito à memória.

CONCLUSÕES

O processo para desenvolvimento dessas ações e dos produtos de informação, em desenvolvimento, favorece à difusão de seus conteúdos, ampliando possibilidades de pesquisa de fontes primárias, contribuindo não só para as pesquisas sobre a vida e obra de seus titulares, mas para a democratização desses saberes.

A organização temática e descritiva da Coleção Álvaro Gonçalves Nascimento contribuiu para a preservação das obras, garantindo sua organização, identificação adequada, e acesso facilitado. Isso ajuda a evitar danos e perdas no acervo, preservando a memória e o patrimônio cultural contida nas obras. A construção do Dicionário Biobibliográfico da Coleção Álvaro Nascimento amplia as possibilidades de pesquisa e produção acadêmica. Essa fonte dará informações abrangentes sobre os autores e suas

obras, permitindo a investigação e análise aprofundada das contribuições literárias e intelectuais presentes na Coleção. Isso estimula o avanço do conhecimento no campo da literatura, história, política e ciências sociais.

Ademais, os estudos dos Acervos Pessoais e dos periódicos que, estrategicamente, colocaram em circulação a produção literária baiana possibilita a ampliação da “história única” arrogada pelo modernismo paulista. Nesse sentido, conseguimos contribuir com a memória de pessoas que ficam no ostracismo do regionalismo, bem como com historiografia literária e com políticas da memória para o bem comum.

AGRADECIMENTOS

O projeto *Pesquisa documental histórico-sociológica com foco no acervo de uma instituição acadêmica baiana e em sua produção cultural* é financiado pela Emenda Parlamentar da deputada federal Alice Portugal que possibilitou a contratação de 03 bolsistas docentes e 20 bolsistas discentes da Universidade Federal da Bahia.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. **Inauguração da Biblioteca Álvaro Nascimento**. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1987.

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. **Quem somos**. Site institucional [S.l.]. Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.org.br/> Acesso em: 24 ago. 2023.

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. **Estatuto e regimento interno da Academia de Letras da Bahia**. Salvador: EGBA; ALB, 2014.

ANUÁRIO DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Salvador: Quarteto Editora; ALB, 2017.

ARQUIVO NACIONAL. (BRASIL). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BOAVENTURA, Edvaldo M.; ROSÁRIO, Bruno L.; SILVA, Marcelo F. da; A formação do acervo da ALB: arquivo, biblioteca e museu. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, Salvador, n. 57, p. 69-91 jan. de 2019.

CASTRO, Renato Berbert de. **Os fundadores da Academia de Letras da Bahia**. Prefácio de Cláudio Veiga. Salvador. Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. ; EGBA, 1998. [Edição comemorativa dos 80 anos de fundação da Academia de Letras da Bahia]

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Ed. Unicamp, 2007.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História : **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 24 ago. 2023.

RISÉRIO, Antônio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina e P. M. Bardi, 1995.

GOMES, João Carlos Teixeira. Presença do Modernismo na Bahia. *In*: GOMES, João Carlos Teixeira. **Camões contestador e outros ensaios**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979, p.165-198.

OLIVEIRA, Ian Caliel Dos Santos de; CAMPOS, Ravi Carvalho dos. **O movimento modernista na Bahia e suas contradições**: uma introdução às produções poéticas do primeiro ano de publicação da revista a luva. Salvador: [s.n.], 2024. [no prelo].

SANTANA, Naiara. O “tradicionalismo dinâmico” na expressão modernista da Bahia. **Revista Arco & Flexa**, Salvador: [s.n.], 2024. [no prelo].

SEIXAS, Cid. Modernismo e diversidade: impasses e confrontos de uma vertente regional. **Léguas & meia**: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 3, n. 2, 2004, p. 52-61

<p>Recebido/ Received: 21/08/2024 Aceito/ Accepted: 30/10/2024 Publicado/ Published: 27/12/2024</p>
--

